

“O dia em que a pracinha sumiu” – notas sobre a pesquisa

“Quanta coisa eu contaria se pudesse
e soubesse ao menos a língua como a cor”.
Cândido Portinari

A frase de Portinari resume meu sentimento ao término dessa pesquisa. No meu caso, também me faltaria habilidade para com as cores, expressar a riqueza do que vivi ao longo do curso de mestrado e do período de execução deste estudo. Nesses meses, a cidade e a educação me envolveram por inteiro. Tornei-me mais cidadã e menos conformada com as políticas que, a cada dia, fazem com que aproveitemos menos os espaços públicos, e que, também, pouco fazem por uma educação de qualidade para todos. Cidade, criança e educação estão muito mais entremeados do que eu poderia imaginar.

Durante a elaboração da pesquisa encontrei um livro, de literatura infantil, muito simpático. O título “O dia em que a pracinha sumiu” me conduziu, imediatamente, para o seu interior. Márcia Frazão e Mariana Massarani contam a história do desaparecimento da pracinha da “Rua sobe e Não desce”. Um dia, as crianças percebem que a praça sumiu (a ilustração mostra o espaço da praça envolto por tapumes). Procuram a vó Vitalina para ajudá-las, já que “aquela pracinha era o lugar onde elas corriam, brincavam, encontravam os amigos e inventavam novas brincadeiras”. Eles creditavam que aquela senhora era uma bruxa poderosíssima e os ajudaria a recuperar esse local tão precioso. Vitalina telefona para o presidente da Associação de Moradores para saber o que estava acontecendo. Durante a conversa, Vitalina descobre que no espaço da praça seria construído um shopping. A senhora e as crianças ficam perplexas com a notícia e resolvem fazer cartazes de protesto e ir para a rua, vestindo fantasias. Eles enchem os tapumes que envolvem a praça com cores e desenhos. Logo essa atitude chama atenção dos outros moradores e da imprensa. Com toda a aglomeração causada por eles, o Prefeito da cidade acaba assinando um Decreto, anulando a construção do shopping. “E foi assim que a pracinha da Rua do Sobe e Não Desce reapareceu e nunca mais desapareceu”.

A sensação vivida pelas crianças ao perceberem que a praça sumiu se parece um pouco com minha entrada no campo. Buscava encontrar um espaço

público e ali perceber as interações entre as crianças, mas o que vi não foi uma praça e sim duas, com realidades e dinâmicas muito distintas. A praça que eu buscava não existia e em seu lugar não havia tapumes. Havia, sim, crianças e adultos desfrutando da cidade com suas diversas possibilidades e contradições. Para perceber as crianças em cada um dos ambientes, foi preciso encontrar as particularidades de cada um deles, mudar as lentes que faziam com que eu buscasse somente as crianças, e me entregar aos significados daquele lugar. Fui procurar as crianças e encontrei a praça. Envolver-me com esse espaço me fez perceber que não é possível ver as crianças sem olhar a sociedade em que elas estão inseridas.

Ao observar suas dinâmicas, percebi que a maneira como os ocupantes vivem o local se manifesta em uma cultura da praça. Essa cultura se torna real à medida que códigos sociais são estabelecidos e seguidos por seus frequentadores. Esses códigos são criados com a influência das fronteiras físicas e simbólicas, gerando, conseqüentemente, regras que orientam as ações dos sujeitos.

No campo, várias foram as questões surgidas a partir da observação das crianças. Em princípio, um dos fatores que me levou à escolha de um local público para a pesquisa, foi a desejo de perceber como as crianças organizam o espaço e o tempo das brincadeiras. Entretanto, ao chegar lá, vi que a estrutura física não favorecia essa organização, já que destinava um espaço específico às crianças, limitando as suas intervenções. Mesmo encontrando brechas, na maioria das vezes acabavam sendo conduzidas pelos interesses dos adultos. Diante disso, me pergunto onde está sendo realizado o exercício da gestão, da organização e do planejamento das ações que envolvem o lúdico, o faz de conta. Onde está o espaço para as crianças recriarem, dentro do mundo maior, seu mundo particular?

“É que as crianças... sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nesses restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso as crianças formulam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido em um maior. (Benjamim 1984 a:77)

A ausência dessa intervenção da criança naquilo que lhe diz respeito, os

espaços e os rumos da brincadeira, é mais forte na Praça dos Cavalinhos onde os deslocamentos são, em sua maioria, conduzidos pelo consumo e os encontros entre as crianças são ainda mais escassos. À medida que as crianças não são autoras, poderíamos dizer que há uma brincadeira tutelada? Diante da privatização que, em um processo perverso, torna a brincadeira uma mercadoria, a praça é um espaço para todos? É preciso que pensemos nos fatores políticos que orientam a ocupação desses espaços. Que interesses eles representam? Segundo as falas das crianças, o seu desejo é um maior investimento nos espaços livres e em mais brinquedos.

A dificuldade em levantar os dados históricos da praça tornou-se uma denúncia de que, aquele, é um espaço pouco cuidado em nossa cidade. Seu reconhecimento é muito maior por parte da sociedade civil, do que pelos órgãos públicos. Todas as pessoas entrevistadas, ou que conversaram comigo sobre aquele local ao longo da pesquisa, reconheciam e se reconheciam nesse lugar. Ao contrário, tive grande dificuldade em obter as mesmas informações e reconhecimento dos órgãos públicos.

Se por um lado a Praça dos Cavalinhos está envolvida na contradição de ser um espaço público que abre possibilidades para fins privados, a Xavier de Brito deve ser preservada, exatamente, como um dos poucos refúgios públicos, seguros e agradáveis da cidade.

Inicialmente, minha escolha por esse espaço de pesquisa foi movida pelo desejo de, ao observar as crianças, buscar um diálogo com a educação, meu campo de atuação. Ver as crianças num espaço público poderia contribuir, tanto para o entendimento da infância na contemporaneidade, como para o estabelecimento desse diálogo. Entretanto, ao entrar no campo, senti que só os referenciais da educação não seriam suficientes para compreender a teia de significados que envolvia as crianças. Elas são atores sociais e estão inseridas num mundo maior, como bem nos apresentou Benjamin. A interlocução com outras áreas do conhecimento tornou-se fundamental. Assim, comecei um diálogo mais próximo com a sociologia e, depois, com a antropologia, trazendo para esse trabalho uma visão etnográfica. Entender o outro em seus próprios termos, mergulhar na rede de significados que se reflete na ação dos freqüentadores da Praça foi o meu desafio. No entanto, para realizar aproximações e apreender como a realidade se manifesta em outras circunstâncias, senti falta de estudos que olhem

as crianças em diferentes contextos sociais, em outras praças, espaços públicos e outras cidades. Ao término, fica o desejo de ampliar esse debate, de ir a outros campos. Por isto, entendo que este não é o fim de um estudo. Muito ficou por ser dito, questões ainda estão sem respostas, outras se fazem presentes. O estranhamento, a busca pela exotopia, o olhar apurado do pesquisador, estão em processo de construção.

Esta dissertação é um exercício de pesquisa e termina com a esperança de que o debate sobre a infância transponha os muros da academia e ajude na visibilidade das crianças como atores sociais, que suas vozes sejam ouvidas, que tenham seus direitos respeitados e possam contribuir com suas experiências para a construção de uma sociedade mais democrática e plural.